

FILOSOFIA E CRISTIANISMO NOS *STROMATEIS* DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA

(Philosophy and Christianity in the *Stromateis* of Clement of Alexandria)

*Nélio Gilberto dos Santos**

Resumo: Como se deu no Cristianismo o diálogo entre Religião e Razão? Clemente de Alexandria é um dos pioneiros desse encontro. Graças a sua reflexão acerca da relação entre Deus revelado como *logos* e a racionalidade filosófica, ele mostra como a fé cristã necessita, também ela, levar em conta a razão humana. Para Clemente, fé e razão são “dons de Deus”, “alianças”, de Deus com o homem.

Palavras chaves: Filosofia grega e Cristianismo. Fé e Razão. Clemente de Alexandria.

Abstract: How was in the Christianity the dialogue between Religion and Reason? Clement of Alexandria is one of the pioneers of this meeting. Thanks to its reflection on the relationship between God revealed as *logos* and philosophical rationality, he shows how the Christian Faith, likewise, needs to take into account the human reason. For Clement, faith and reason are "gifts of God", "alliances" between God and man.

Keywords: Greek philosophy and Christianity. Faith and reason. Clement of Alexandria.

* Licenciado em Filosofia na Universidade de Lyon, na França. Cursa o Mestrado na Sorbonne, Paris IV.
Contato: gilbertofilos@gmail.com

Filhos da tradição iluminista com sua crítica à capacidade metafísica da razão, experimentamos uma profunda crise do elemento teológico em sua relação com a razão humana. Ainda realizamos esta árdua operação que busca os justos limites dos campos da fé e da razão, sem que nem uma nem outra sejam diminuídas.

É essencial para tanto, entender o que se critica ou aquilo que se defende. A leitura dos mestres medievais que fizeram um extraordinário trabalho de síntese entre filosofia e teologia não nos poupa de interrogar as primeiras tentativas e intuições que nos oferece a literatura patrística.

Para entender a relação entre a fé e a razão tal qual nos legou o Cristianismo, é absolutamente imprescindível a leitura dos *Stromateis* de Clemente de Alexandria ¹.

Juntamente com São Justino (100-160), Clemente é um dos grandes pioneiros desse diálogo onde vemos, junto com o fervor da fé de um convertido, uma razão lúcida e convicta da sua grandeza.

Crítico ferrenho das religiões do seu tempo, Clemente muda de atitude quando se trata dos filósofos gregos ². O tom benévolo já tinha sido escutado com o trabalho de Justino que via ali “sementes” ³ espalhadas no mundo pelo Verbo, o *Logos* divino. Clemente, continuando nessa perspectiva, afirmará no fim do seu primeiro capítulo dos *Stromateis* ⁴ que a filosofia grega é nada menos que uma “obra da providência divina” ⁵.

Esta perspectiva de abertura a partir da questão do conhecimento de Deus como *logos* será essencial para a identidade cristã. O diálogo com a filosofia grega não aparece aí como

¹ Nascido provavelmente em Atenas por volta do ano 150, de família pagã, ele percorre o mundo romano em busca de um mestre, mas sem encontrar nas escolas filosóficas uma resposta à sua inquietude. Convertendo-se ao Cristianismo ele se faz discípulo de Pateno, fundador da escola catequética de Alexandria. Em 190 Clemente já é conhecido como um mestre, sucessor de Pateno. Ele morre na primeira metade do século III.

² Ver: *Protréptico*, cap. II-IV. Temos uma tradução portuguesa da Prof.^a Rita Codá que acaba de ser editada: CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Exortação aos Gregos*, São Paulo, ed. É Realizações, 2013.

³ Cf. Justino, *Apologia II*, 13, 5.

⁴ As três obras maiores de Clemente de Alexandria são o *Protréptico*, o *Pedagogo* e os *Stromateis*. Nosso trabalho se concentrará, sobretudo, nos livros I, VI e VII dos *Stromateis* (Στρωματεῖς pode ser traduzido como Miscelânea) onde ele trata de forma mais desenvolvida o tema da relação da fé com a filosofia.

⁵ θείας ἔργον προνοίας: CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Les Stromates*, *Stromate I*, Paris, ed. du Cerf, 1951 (Col. Sources Chrétiennes). Introdução de Mondesert. Tradução e notas de Marcel Caster. p.57. Utilizaremos neste trabalho o texto grego (Corpus de Berlin, estabelecido por Otto Stählin) e a tradução francesa da citada coleção *Sources Chrétiennes*.

uma espécie de política de boa vizinhança, nem apenas um mero interesse em buscar aliados para promover a nova religião. Existe, para Clemente, um vínculo entre Deus e a racionalidade que ele vai explorar e transpor no vínculo entre a fé e razão.

Nosso trabalho será de resumir dois pontos fundamentais para introduzir à problemática da relação entre a fé e a razão nos primórdios do Cristianismo. Num primeiro momento veremos como ele estabelece o vínculo que há entre Deus e a filosofia através da noção grega de *logos*; em seguida veremos a sua concepção da filosofia, assim como a função que esta possui dentro do Cristianismo.

1. Deus e a Filosofia

Crítica cristã à filosofia grega

O clima intelectual da obra de Clemente é marcado pelas polêmicas em torno do Cristianismo nascente. Poderíamos dizer que ele se encontra em meio a um fogo cruzado: de um lado “pagãos” críticos do Cristianismo ⁶; do outro, cristãos hostis à Filosofia. Clemente possui as armas para estar nessa posição, já que a sua fé cristã encontrou uma inteligência profunda, um letrado, conhecedor da literatura e da filosofia, “*omnium eruditissimus*” ⁷.

Sua reflexão acerca do sentido e do papel da filosofia grega se faz sob o peso das recriminações feitas pelos cristãos à Filosofia. Começemos resumindo-as a partir do que ele nos diz nos *Stromateis*. Notemos em primeiro lugar a crítica a uma aparente *inutilidade* ⁸ da filosofia. Com efeito, para aqueles que recebem uma revelação, um conhecimento vindo do próprio Deus, não seria perda de tempo ater-se em reflexões humanas?

Nessa mesma linha de raciocínio, critica-se o carácter *imperfeito* ⁹, inacabado, do conhecimento filosófico, isto é, incapaz de alcançar a plenitude da verdade, já que a filosofia se encerra nos limites da razão natural.

⁶ Cf. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Les Stromates, Stromate VI*, Paris, ed. du Cerf, 1999 (Col. Sources Chrétiennes). Introdução, edição crítica, tradução e notas de Patrick Descourtieux, cap.1,1.

⁷ Segundo as palavras de São Jerônimo na *Carta LXX*, 4. Citado por Descourtieux na sua introdução à tradução do livro VI citada na nota precedente, p. 9.

⁸ Cf. *Strom.* I, cap. XVIII, 2-4.

⁹ Cf. *Ibid.* I, cap. XVI, 80, 5.

Em terceiro, vemos a censura se tornar ainda mais radical ao considerar que tais doutrinas meramente humanas desviariam a atenção dos homens da verdade divina revelada. No caso em que aquelas estejam em contradição com a Revelação, teríamos um grave desvio da verdade, *induzindo ao erro*¹⁰, à mentira. Daí considerá-las como uma obra do mal, do *Demônio*¹¹.

Enfim, podemos notar que os cristãos repreendem ainda o caráter imoral¹² ao qual conduziria o modo de viver daqueles que se consagram à filosofia.

O Logos amigo dos homens

Diante dessas objeções a posição de Clemente que vemos nos *Stromateis* é claramente em defesa da filosofia, posicionando-se, contudo, dentro da sua perspectiva cristã. Seu desafio será, de um lado, o reconhecimento da grandeza da revelação cristã, e inclusive seu caráter absoluto e definitivo, sem que, por outro lado, seja necessário diminuir ou menosprezar a imagem da filosofia grega.

Antes de tudo, notemos que Clemente é claro acerca do valor da fé cristã. Ele se apoia no fato que o Cristianismo apresenta um ensino que vem do próprio Deus. É ele mesmo quem nos ensina. Pela encarnação do Verbo é Deus quem sai ao encontro do homem tornando-o não mais discípulos de mestres humanos, mas, “discípulos de Deus”¹³.

Para o Alexandrino, a mensagem evangélica aparece como uma resposta à aspiração grega ao conhecimento perfeito, ao conhecimento da verdade, e à perfeição moral¹⁴. Não se trata apenas de uma religião que visa o aspecto subjetivo do ritual, do culto da divindade, ou de prescrições morais. Trata-se, antes, de uma inteligência, de um *logos* acerca da divindade. A salvação que Cristo oferece à humanidade se dá nesse acesso ao conhecimento de Deus. A

¹⁰ Cf. *Ibid.* VI, cap. X, 80, 5.

¹¹ Cf. *Ibid.* I, cap. XVI, 80, 5.

¹² Cf. *Ibid.* I, cap. II, 20, 1.

¹³ Clemente cita a expressão utilizada por São Paulo em *I Tess.* 4,9: θεοδιδάκτοι. Cf. *Strom.* I, cap. XX, 98, 4; Cf. *Ibid.* VI, cap. XV, 123, 1.

¹⁴ Cf. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Les Stromates, Stromate VII*, Paris, ed. du Cerf, 1997 (Col. Sources Chrétiennes). Introdução, edição crítica, tradução e notas de Alain Le Boulluec. cap. IX, 55, 1. O conhecimento (γνώσις) que traz o ensino divino “realiza a plenitude de seu caráter, da sua vida e da sua razão” (διὰ τῆς τῶν θεῶν ἐπιστήμης συμπληρουμένη κατὰ τε τὸν τρόπον καὶ τὸν βίον καὶ τὸν λόγον).

religião aparece aí como uma iluminação divina correspondendo a uma ação, não extrínseca, mas, que provém da própria natureza de Deus que é *Logos*¹⁵.

No início do seu *Pedagogo*, onde Clemente faz obra de educador dos cristãos, ele mostra que pela encarnação Deus mesmo se faz pedagogo dos homens e sintetiza assim a sua ação:

Diligente em levar-nos à perfeição pelos degraus da salvação, o *logos* em tudo amigo dos homens, realiza um belo programa para nos educar: primeiro ele nos converte; em seguida nos educa; e enfim ele nos instrui¹⁶.

O Deus cristão é *Logos*. Porém, ele é igualmente *Amigo dos homens*¹⁷. Dupla perspectiva de Deus como luz e amor, característico da nova religiosidade. Esse *Logos* é salvador, ele se faz *pedagogo* considerando os homens dignos de serem conduzidos ao conhecimento do próprio Deus.

Essa valorização do conhecimento para a fé será o ponto de contato entre o Cristianismo de Clemente e a filosofia grega.

Relação de Deus com a Filosofia

Podemos ver a relação da filosofia com Deus, no pensamento de Clemente, através de duas perspectivas que ele nos dá. Aquela das vicissitudes da história, onde ele avança uma questionável influência das doutrinas do Judaísmo sobre os Gregos; e a outra que é a principal para nós: o vínculo natural de Deus com o homem pela razão.

Clemente defende uma dependência da filosofia grega em relação à sabedoria hebraica. O que existiria de bom e elevado nos Gregos teria sua origem na Bíblia. Trata-se de um argumento já tradicional do tempo de Clemente, que pôde ser considerado uma tese fácil e preguiçosa¹⁸, defendida pelo Judaísmo alexandrino, e seguida pelos Padres Apologistas¹⁹.

¹⁵ Cf. Evangelho de São João, cap. 1,1.

¹⁶ *Pedagogo*, I, cap. I, 3,3.

¹⁷ φιλόανθρωπος λόγος.

¹⁸ Cf. GILSON, Etienne. *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*, Paris, Vrin, 1944. p. 22. Contudo podemos pensar que essa tese tenha também uma função que serviria de autoridade dentro do próprio âmbito religioso judaico e cristão. Já que a filosofia grega tem sua origem na revelação judaica, aqueles que têm a fé poderiam avançar com maior confiança no diálogo com ela, encontrando ali as parcelas daquela verdade que a fé lhes dá acesso.

¹⁹ Cf. *Strom.* I, cap. XV-XVIII; II, 1,1.

Nos *Stromateis*, Clemente avança uma curiosa versão desta tese. Ele atribui esse encontro da revelação judaica com o *logos* grego, a um anjo que teria roubado a verdade aos hebreus e a teria comunicado aos Gregos. Neste sentido, Clemente dirá que a filosofia “não foi enviada pelo Senhor”, mas foi “dada por um ladrão”. Contudo ele o permitiu, já que a sua “providência” transformaria esse roubo num caminho de abertura para o Cristianismo ²⁰.

Na perspectiva de Clemente, mesmo que os gregos não sejam autores da sua sabedoria filosófica, o fato é que eles desenvolveram certas teses que são consideradas compatíveis com a fé. Isso significa que no mínimo eles foram capazes de discernir ali uma verdade que merecia atenção, e possuem o mérito de a terem desenvolvido no âmbito da racionalidade humana.

Clemente de Alexandria vai explorar esse aspecto refletindo acerca da conaturalidade entre Deus e a razão manifestada na filosofia grega. Para ele, não se trata de uma tentativa de unir duas realidades díspares, mas, do reconhecimento de um vínculo existente que espera tão somente ser trazido à luz.

Discutindo acerca da legitimidade da Filosofia, Clemente mostra essa junção na própria constituição humana. Aos cristãos que acusam a filosofia de ser obra humana, como por um desprezo ao que é humano, ou até considerando-o como algo ruim, Clemente responde afirmando que existe um parentesco natural entre Deus e o homem. A natureza humana não é estranha a Deus ²¹, e de maneira específica, essa conaturalidade se dá pela razão, “enviada por Deus” ²², que faz do homem “imagem divina” ²³.

Esta mesma ideia será utilizada por Clemente acerca da forma que tomou a racionalidade na Filosofia grega. Esta também tem origem divina, ela é um “dom de Deus para os Gregos” ²⁴. Poderíamos dizer que Clemente vê na busca filosófica da Grécia antiga uma realização histórica do que é a inteligência humana desenvolvendo seu vínculo natural com Deus, sua origem e princípio.

²⁰ Cf. *Ibid.* I, cap. XVI, 81, 4-5.

²¹ Cf. *Strom.* I, cap. XIX, 94, 2.

²² *Ibid.* VI, cap. VIII, 62.4: θεόπεμπτον ; Cf. *Ibid.* VI, cap. XVII, 157. 3

²³ Cf. *Ibid.* VI, cap. IX, 72, 2.

²⁴ θείαν δωρεάν “Ελλησι δεδομένην: *Ibid.* I, cap. II, 20, 1. Mesmo se esse dom aconteceu naquele plágio ou roubo da sabedoria judaica que foi mencionado.

Falando desse “dom de Deus”, Clemente chegará a utilizar a mesma expressão grega que a Bíblia utiliza para tratar da relação de Deus com o seu povo escolhido, Israel, e com os cristãos: uma *aliança* ²⁵.

Já afirmamos a posição clara de Clemente acerca da superioridade da fé Cristã. Esta, porém, segundo a sua concepção, não suprime as outras formas pelas quais Deus tenha querido se manifestar. Para o Alexandrino, a abertura à filosofia grega é por isso atenção e escuta do mesmo *Logos* divino, que por vários meios se dirige ao homem. Assim, “se ele nos falou de várias maneiras, não é de uma única maneira que nós o conhecemos” ²⁶.

O mesmo Deus foi conhecido de maneira pagã pelos Gregos, de maneira judaica pelos judeus, e, para os cristãos, de maneira nova e espiritual ²⁷. Tanto a religião hebraica como a filosofia são dois modos que Deus utilizou para conduzir a humanidade, “dois córregos que fluem para o rio perene” ²⁸: a plenitude da verdade na revelação cristã do *Logos*.

2. Sentido e função da filosofia

A filosofia: o joio e o trigo

Vemos assim como Clemente conduz a sua defesa da filosofia grega. Fazendo perceber o vínculo com o *Logos* divino, ele eleva a percepção que dela poderiam ter seus interlocutores cristãos. Ele não pretende, contudo, esconder os problemas, e inclusive o mal, que pode estar presente nas suas fileiras.

Utilizando uma imagem evangélica conhecida no ambiente cristão, ele os convida a discernir o “joio do trigo” no campo da filosofia. Assim como existem heresias que são erros acerca do verdadeiro Cristianismo, da mesma maneira há o joio que pode crescer no terreno filosófico. Assim, por exemplo, Epicuro com seu ateísmo e hedonismo ²⁹ seriam heresias, erros que falseiam a verdadeira identidade da filosofia grega. Criticar a filosofia por ser ateia ou imoral não é então criticar realmente a filosofia, mas, seus desvios.

²⁵ *Ibid.* VI, cap. VIII, 67,1- 68,1. Διαθήκη é a palavra usada pela *Setenta* para traduzir o hebreu *Berith*, e a mesma usada nos Evangelhos e em São Paulo falando da aliança (cf. Mc 14, 24; I Cor, 11, 25).

²⁶ Cf. *Ibid.* VI, cap. X, 80, 5-81, 1 -6.

²⁷ Cf. *Ibid.* VI, cap. V, 41, 7.

²⁸ *Ibid.* I, cap. V, 29,1ss.

²⁹ Cf. *Ibid.* VI, cap. VIII, 67, 1.

A sua resposta às censuras dos cristãos é então a de purificar a própria noção de filosofia para descobrir nela mesma a sua essência. Não se trata para ele de uma defesa de filósofos nem de escolas filosóficas, mas, de uma tendência natural para a verdade ³⁰ e para Deus, que ele pôde ali perceber:

A filosofia é de certa maneira a união num todo das doutrinas irrepreensíveis de cada escola – quero dizer, de cada escola filosófica – e da vida em consonância com elas ³¹.

Não se trata, assim, para Clemente, de “batizar” tal ou tal filósofo ou escola filosófica, nem tampouco de condenar outras. A crítica que citamos de Epicuro é motivada por ter ele rejeitado dois pilares que dão sentido a filosofia, que são a abertura ao divino, e um conhecimento que conduza a uma elevada vida moral ³². O verdadeiro sentido da filosofia segundo Clemente está, seguindo a inspiração de Platão, na contemplação da verdade e na ciência do Bem ³³.

Função da filosofia

É através desta purificação da sua noção que Clemente concede à filosofia um lugar junto à fé. Para entender o seu papel é necessário compreender o Cristianismo dentro da perspectiva que citamos, onde o conhecimento tem um lugar preponderante.

O Deus Salvador, Jesus, é o *Logos* divino. O cristão é aquele que recebe a revelação, o conhecimento último tocando a divindade. Ele é, assim, um conhecedor, um gnóstico ³⁴. A fé é este conhecimento último acerca de Deus, porém, um conhecimento em estado embrionário, e, por isso mesmo, susceptível de ser desenvolvido ³⁵ dentro da liberdade de cada indivíduo.

Clemente vê no cristão alguém que está num caminho de perfeição onde o conhecimento é o elemento diretor. Nesta progressão, a fé, contudo, não se transmuta em

³⁰ Cf. *Ibid.* VI, cap. XVII, 149,3ss.

³¹ *Ibid.* VI, 55, 2.

³² Cf. *Strom.* I, cap. VII, 37, 6; VI, 54, 1.

³³ Cf. *Ibid.* I, cap. XIX, 92, 3; VI, cap. XVII, 149, 3; 160, 1.

³⁴ Γνωστικός. Não se trata aqui de uma iniciação a conhecimentos secretos e reservados, mas na penetração no conhecimento dado a todos pela fé.

³⁵ Cf. *Ibid.* V, cap. I, 11,1ss.

outra realidade, nem deixa de existir. Ao contrário ela é a referência ³⁶ constante para aquele que deseja conhecer esse Deus que se revela no Cristo.

Onde entra, nesta perspectiva, o papel da filosofia? Na própria ideia do devir humano. Numa das suas respostas aos cristãos que desmerecem a filosofia, Clemente nos diz, usando uma comparação, que para recolher os frutos que temos pelo conhecimento da fé, é preciso, antes, preparar a terra onde essa revelação é recebida ³⁷.

Notemos que não é a fé que necessitaria da filosofia. A questão é mais fundamental. É a própria razão humana que necessita da determinação para a verdade e para Deus, que lhe oferece o conhecimento filosófico. Clemente explicará essa cooperação entre fé e razão utilizando a imagem da causalidade instrumental ³⁸. Segundo o Alexandrino, a filosofia não é necessária à fé ³⁹, mas uma auxiliar valiosa pelo fato que orienta a inteligência naturalmente para o verdadeiro, e assim a predispõe para receber a revelação do *Logos*, da verdade divina.

Trata-se então de um papel propedêutico ⁴⁰, uma espécie de orientação para a inteligência, uma terapia da alma ⁴¹. Daí o seu papel histórico de aliança com os gregos tendo por fim abri-los ao encontro com o Evangelho, como citamos acima.

Junto com essa função de preparação, Clemente também vê na filosofia uma importante aliada para a fé como sua defensora ⁴². E enfim o papel no interior do próprio conhecimento religioso na leitura da Escritura, ajudando no discernimento dos seus diversos níveis e sentidos interpretativos ⁴³.

Conclusão

Após este breve percurso acerca da visão de Clemente sobre a relação entre a fé cristã e a filosofia grega, deve-se reconhecer que na sua perspectiva fé e razão são inseparáveis. A identidade do Cristianismo, sua moral, sua arte, sua teologia são radicalmente dependentes desse encontro entre o *logos* humano e o divino.

³⁶ Cf. *Ibid.* VII, cap. X, 57, 3.

³⁷ Cf. *Ibid.* I, cap. IX, 43, 1ss.

³⁸ Cf. *Ibid.* I, cap. XX, 99, 1.

³⁹ Cf. *Ibid.* I, cap. XX, 99, 1.

⁴⁰ Cf. *Ibid.* VII, cap. III, 20.2

⁴¹ Cf. *Ibid.* VII, cap. I, 3, 2

⁴² Cf. *Ibid.* I, cap. XX, 100, 1.

⁴³ Cf. *Ibid.* I, cap. XXVIII, 179, 3 ss.

Apesar das críticas e contestações que podem e devem ser feitas às formas históricas resultantes deste diálogo, resta o fato fundamental do qual Clemente é porta-voz: a busca da harmonização entre racionalidade e fé é, para a filosofia, uma motivação que a desafia para além dos seus limites, e, para o Cristianismo, assumir o significado da sua própria doutrina de Deus como *logos*.

Bibliografia

CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Les Stromates, Stromate I*, Paris, ed. du Cerf, 1951 (Col. Sources Chrétiennes). Introdução de Mondesert. Tradução e notas de Marcel Caster.

_____. *Les Stromates, Stromate VI*, Paris, ed. du Cerf, 1999 (Col. Sources Chrétiennes). Introdução, edição crítica, tradução e notas de Patrick Descourtieux.

_____. *Les Stromates, Stromate VII*, Paris, ed. du Cerf, 1997 (Col. Sources Chrétiennes). Introdução, edição crítica, tradução e notas de Alain Le Boulluec.

_____. *Exortação aos Gregos*, São Paulo, ed. É Realizações, 2013.

GILSON, Etienne. *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*, Paris, Vrin, 1944.

JUSTIN, *Apologie pour les Chrétiens*, Paris, ed. du Cerf, 2006 (Col. Sources Chrétiennes). Introdução, edição crítica, tradução e notas de Charles Munier.